

## **A IRMANDADE DE QUMRAN**

**Perspectivas modernas ao estudo dos Manuscritos do Mar Morto.**

Por

Caio Falcão Marcelino

**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

**2008**

**A IRMANDADE DE QUMRAN:**

**Perspectivas modernas ao estudo dos Manuscritos do Mar Morto.**

Por

Caio Falcão Marcelino

Monografia apresentada ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, como requisito à obtenção de grau de Bacharel, do curso de Bacharelado em Teologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

**2008**

A IRMANDADE DE QUMRAN:

Perspectivas modernas ao estudo dos Manuscritos do Mar Morto.

---

Autor: Caio Falcão Marcelino

---

Orientador de Conteúdo: Prof<sup>o</sup>. Ms. Dionísio Oliveira Soares

---

Orientadora de Forma: Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Celeste Machado

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Rio de Janeiro - 2008

## DEDICATÓRIA

“Ao Rei eterno, imortal e invisível, o único Deus – a ele sejam dadas a honra e a glória para todo o sempre! Amém!” (1 Tm 1, 17).

## AGRADECIMENTO

Aos Mestres

Dionísio Oliveira Soares

Maria Celeste Machado

Meu Reconhecimento Especial pela generosidade na composição desta obra. Ao meu amigo Pastor Luiz Martins de Almeida, porque muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do Senhor permanecerá. (Pv. 19.21). À minha família, pelas palavras agradáveis como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo. (Pv. 16.24). À Quésia, por seu valor exceder o de finas jóias. (Pv. 31.10). À Deus. Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus. (I Tm 1.6). À Segunda Igreja Batista de Cachoeiro de Itapemirim, ES, e ao Pastor Joás Máximo de Oliveira pela graça de nesses quatro anos terem sido a Igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade. (I Tm 3.15). À Primeira Igreja Batista de Moça Bonita, e ao Pastor David Baeta Motta, *“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste”* (II Tim 3.14). Aos meus amigos, irmãos e cooperados que nesses anos se tornaram amigos mais chegados que um irmão (Pv. 17.17).

**EPÍGRAFE**

“Minhas mais entusiásticas congratulações pela maior descoberta de manuscrito da época moderna! Não tenho dúvida de que a escritura é mais arcaica que a do Papiro Nash [...] Situaria a data em torno do no 100 a.C. [...] Que achado inacreditável! E felizmente não pode haver a menor dúvida sobre a autenticidade do manuscrito.”

Dr. W. F. Albright, da Johns Hopkins (um dos mais competentes arqueólogos da Bíblia vivos na época e uma autoridade no tocante ao Papiro de Nash).

“Li um pouco mais dos “pergaminhos”. Receio ir longe demais ao refletir sobre Eles. Esta pode ser uma das maiores descobertas já feitas na Palestina, a qual nunca esperávamos”

(Eleazer Lipa Sukenik – arqueólogo chefe e professor da Universidade de Jerusalém).

## LISTA DE SIGLAS

1 QS = A Regra da Comunidade (Serek há - Yahad)

1 QSa = A Regra Anexa (Serek ha - Yahad)

1 Qsb = A Coleção de Bênçãos (Serek ha - Yahad)

1 QH = Os Hinos de Ação de Graças (Hodayot)

DD = Documento de Damasco (Damaskusschrift)

As siglas são as mesmas empregadas em Os manuscritos do Mar Morto e o Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1993.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>ORIGEM DA IRMANDADE ESSÊNIA</b> .....	<b>14</b>
2.1	DESCOBERTA.....	16
	2.1.1 Localização.....	20
	2.1.2 Habitação da comunidade: Khirbet Qumran.....	22
2.2	ESSÊNIOS QUEM SÃO ELES?.....	24
<b>3</b>	<b>ESTRUTURA FUNCIONAL DA CONFRARIA</b> .....	<b>26</b>
3.1	AUTORIDADE.....	26
	3.1.1 Administração.....	27
	3.1.2 Ingresso.....	28
	3.1.3 Cotidiano.....	29
3.2	CASADOS OU CELIBATÁRIOS?.....	30
<b>4</b>	<b>O MESSIAS VERDADEIRO: O MESTRE DA JUSTIÇA</b> .....	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>A HIPÓTESE DE GRONINGEG POR FLORENTINO GARCÍA MAR-</b> <b>TÍNEZ</b> .....	<b>37</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>41</b>
	<b>ANEXO I - ERAM ELES EBIONITAS?</b> .....	<b>49</b>
	<b>ANEXO II - REGRAS DA COMUNIDADE</b> .....	<b>50</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>44</b>

## RESUMO

O objetivo da presente obra é demonstrar qual a origem dos Manuscritos do Mar Morto, bem como, buscar encontrar seu sentido e ainda estimular aqueles que o estudam a fazerem as seguintes reflexões: essênios, quem são eles?

Para isto, o autor inicia sua pesquisa apresentando a origem da irmandade essênia. Em seguida, aborda o pensamento do erudito Geruásio F. Orrú. Um pesquisador que analisa as estruturas funcionais da comunidade qumrânica.

Posteriormente, introduz os apontamentos feitos pelo jornalista Edmund Wilson e do padre Jean Pouilly das questões que abordam o Mestre da Justiça, sua origem, identidade, função e morte.

E por fim, conclui com a intuição do professor espanhol da Qumran Institut da Universidade de Groningen, na Holanda, Florentino Garcia Martinez, caminhando sobre a análise da hipótese de Groningen e sua perspectivas de que o essenismo tenha sido apenas um movimento palestinese durante o século II a.C.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade explorar a descoberta da comunidade essênica em 1947, cujos documentos são conhecidos como Manuscritos de Qumran, que trazem uma melhor compreensão dos enigmas que os elementos constitutivos desta comunidade em si. Historicamente ela existiu em um período de extrema complexidade, documentado apenas em fontes ambíguas. Os governos eram instáveis e em geral não conseguiam assegurar a tranquilidade social. A violência explodia frequentemente. Assim, os documentos de Qumran foram escritos aproximadamente entre 250 a.C e 68 A.D. O presente trabalho aborda, assim, sua importância e influência para a formação do cânon sagrado como também para o pensamento cristão primitivo.

Tem por propósito maior designar a irmandade essênica, entendida como uma associação de caráter religioso, união ou intimidade fraternal, que foi desenvolvida por estes homens que viveram, como se fossem da mesma família, haja vista que se busca também compreender por que se consideravam adoradores de Deus acima de todos os outros. Por isso, foram também chamados de "os santificados".<sup>1</sup>

Nele tenta-se analisar os aspectos que constituíram esta organização. Judeus cansados das corrupções sacerdotais do Templo em Jerusalém e da vida que girava em torno de Jerusalém migram para a região desértica da Judéia, bem próxima ao Mar Morto. No deserto inicia-se uma vida monástica, com a renúncia aos prazeres da carne, apesar de alguns se casarem. Abdicaram das riquezas e compartilhavam tudo entre si. Ninguém tinha nada. Tudo era de todos e para todos. Assim, por se classificarem santificados exclusivos do Messias a vir, se vestiam de branco e comiam os banquetes cerimoniais sempre juntos.

Todavia, talvez esse fosse o único credo daquela nova, mas fascinante irmandade: "Primeiro temer a Deus e, a seguir, exercer a justiça para com todos os homens".<sup>2</sup> Sem dúvida, esse valor humano deve ser copiado pela sociedade nessa pós-modernidade individualista atual.

---

<sup>1</sup> GINSBURG, D. Christian. *Os Essênios - sua história e doutrinas*. Trad. Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: Editora Pensamento, 1995, p. 44.

<sup>2</sup> *Ibidem.*, p. 54.

De igual forma, visa a uma aproximação do papel exercido por seu fundador, intitulado “Mestre da Justiça” – para muitos a maior revelação encontrada nesses documentos - na perspectiva de vermos como ele reivindicava para si o fato de ser o verdadeiro Messias vindouro, há tanto tempo esperado pelos judeus. Sobre isso, ainda há um enigma. Não se sabe ainda o nome desse “Mestre da Justiça”. O que se sugere é que talvez tenha sido Onias III, que sofreu vasta perseguição e como acarretaram em seu martírio em 171 a.C, mediante investidas de Menelau ou Alexandre Janeu. Todavia, seu principal objetivo ao criar a comunidade, era retornar o sacerdócio legítimo em terras judaicas: os descendentes de Zadoque, da linhagem de Arão. Como vemos no Comentário de Habacuque 2.8,10:

Deus colocou o Sacerdote (Mestre da Justiça) na casa de Judá, para explicar todas as palavras de seus servos profetas e, através dele, tem proferido todas as coisas que sucederão ao seu povo e às nações (1 QpHab 2.8 -10).<sup>3</sup>

Contudo, os essênios, sua história e seus pensamentos são excelentes compêndios para uma rápida ligação ao recém-nascido cristianismo. Na irmandade, a ênfase era que primeiro servissem ao Reino. Não há riqueza, mas compartilhamento de bens. Dava-se maior ênfase à humildade e à modéstia, entre outras que veremos nessa análise de sua existência.

Não se sabe ao certo o que culminou em seu desaparecimento; talvez um terremoto ou as ações da Décima Legião Romana, sob o comando de Vespasiano.

E em última análise este trabalho observará os ensaios contemporâneos do professor Florentino García Martínez, da Qumran Institut da Universidade de Groningen, na Holanda, que observa que nenhuma das grandes obras que saíram no final do século XX, quando eram comemorados os 50 anos da descoberta dos manuscritos, foram traduzidas. Nesta preposição tentaremos esclarecer a origem exata da comunidade de Qumran sustentada pela Hipótese de Groningen.

Conclui-se dizendo sobre a comunidade qumramita: “Em qualquer nação, que o teme, e pratica a justiça, Ihe é agradável”, (Atos X, 35).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p. 52.

<sup>4</sup> GINSBURG, D. Christian. *Os Essênios - sua história e doutrinas*. São Paulo: Editora Pensamento, 1995. p. 3.

## 2. ORIGEM DA IRMANDADE ESSÊNIA

Depois de um apurado estudo e de uma série de tentativas em designar os grupos fundadores de Qumran, (entre eles os mais citados – fariseus, saduceus, essênios, zelotes, samaritanos) entre outros, hoje, com toda a riqueza de pesquisa, é possível afirmar que os Manuscritos do Mar Morto sejam de autoria essênica. Isto porque a palavra “essênio”, para muitos eruditos – tais como: F. M. Cross, J. Jeremias, P. Wernberg-Moller - é uma derivação do aramaico *hasen* e ou *hasayya*, cuja palavra hebraica é “*hasidim*”, “*piadosos*” e/ou “*fiéis*”.<sup>5</sup>

Assim, é necessário retrocedermos na história para compreendermos quem eram esses tais “*hasidins*”, reais proprietários desta vasta e rica descoberta de manuscritos.

Os judeus passavam por uma terrível coação imperial, que se iniciou no governo de Alexandre Magno – com muitas opressões políticas e religiosas. Todavia, tudo viria mesmo a ruínas quando Antíoco IV Epifânio (175 - 164 a.C.), alcançou o trono sírio, determinando que os judeus adorassem aos deuses gregos e seu sincretismo religioso. Verifica-se, em 2 Macabeus 9,4, o ódio em relação a Antíoco IV Epifânio por parte dos judeus: “De fato, assim havia ele falado, na sua soberba: farei de Jerusalém um cemitério de judeus, apenas eu chegue aí”.

É possível observar que, neste cenário na ala oprimida judaica, surgiu um homem chamado Judas Macabeu, valente guerreiro, incentivado pelo seu pai Matisias, que foi o instrumento usado para unir muitos judeus na grande luta contra Antíoco IV Epifânio. Conforme afirma H. E. Dana:

Personagem alguma mais impressionante jamais ornamentou tanto o cenário da ação humana como Judas Macabeu. Outros poderão ter sido mais arrebatados, nenhum, porém, como ele, inspirado por intuítos tão nobres, ou dirigido por motivos tão altruístas! De Davi a João Batista, foi o maior dentre os que desafiaram a Israel a congregar-se à sua bandeira.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Ibidem., p. 31.

<sup>6</sup> DANA, H. E. O Mundo do Novo Testamento: Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. p. 20.

Sem dúvida, a menção de H. E. Dana, revela o alto grau de patriotismo de Judas Macabeu. Mas, tornando a falar dos *hasidim*, esses homens deram um apoio substancial a Judas Macabeu em seus ideais de busca da libertação judaica. Vejamos 1 Macabeus 2,42 : “Então uniu-se a eles o grupo dos assideus, homens valerosos de Israel, cada um deles apegado à Lei”.<sup>7</sup> A expressão utilizada acima “assideus”, é uma forma grecizada do hebraico *hasidim*, o mesmo grupo que apoiou Judas Macabeu contra a adoração aos deuses gregos, combatendo o paganismo de igual forma. Eis então, o foco deste trabalho, ao analisar quem eram, como viviam, e por que se consideravam o verdadeiro Israel de Deus esse grupo chamado *hasidim* ou *essênios*.

De uma forma similar, este grupo já havia sido mencionado na história pelo escritor, filósofo e teólogo Filo de Alexandria em 30 a.C.:

Existem entre eles, com um número acima de quatro mil, os chamados *essênios*; embora essa palavra não seja, rigorosamente falando, grego – *hosiotes* - penso que deva estar relacionada à palavra “santidade”. Na verdade, os *essênios* são homens inteiramente dedicados ao serviço de Deus, não oferecem sacrifícios de animais, julgando que é mais oportuno tornar suas mentes verdadeiramente santas. Alguns *essênios* trabalham no campo e outros praticam várias profissões, contribuindo para a paz; e no seu modo de proceder são úteis para si mesmos e para seus vizinhos. Eles não acumulam prata ou ouro e não adquirem propriedades com a intenção de tirar rendimento delas, mas retêm para si mesmos somente o necessário para viver. Quase sozinhos entre os seres humanos, vivem sem bens e sem propriedades; e isto por preferência e não por revés do destino. Pensam em si mesmos como muitos ricos, certamente considerando a sobriedade e o contentamento como verdadeira riqueza.

Nosso legislador (Moisés) encorajou a multidão de seus discípulos a viver em comunidade: esses são denominados *essênios*, e eu creio que eles merecem esse título por causa de sua santidade. Vivem espalhados em cidades da Judéia, também em muitas vilas e grandes colônias. Vivem juntos, em irmandades, e adotam a forma de associações e o costume de comer em comum. Empregam todo esforço para o bem comum.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> BÍBLIA. PORTUGUÊS. *BÍBLIA DE JERUSALÉM. Bíblia de Jerusalém*: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus; 3ª impressão, 2004. p. 538, nota g. A partir desde locus as demais citações bíblicas serão indicadas conforme Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus; 3ª impressão, 2004.

<sup>8</sup> DANA, H. E. *O Mundo do Novo Testamento: Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. pp. 31-32.

Outra menção antiga à comunidade essênia, foi o feita pelo historiador judeu Flávio Josefo, nascido em Jerusalém, por volta do ano 37 A.D., que afirma:

A terceira seita, que aspira a uma disciplina mais severa, é chamada essênia. Os componentes dessa seita são judeus de nascimento e parecem ter maior afeição um pelo outro do que se vê entre as outras seitas. Esses essênios rejeitam os prazeres como um mal, mas consideram a continência e a vitória sobre as paixões como virtudes. Esses homens menosprezam as riquezas e são tão prontos a dividir que cultivam nossa admiração.<sup>9</sup>

Também escreveu o romano Caius Plinius Secundus, nascido no ano 23 A.D. e provavelmente falecido no ano 79 A.D., designado “Major” ou “Velho”, ao falar sobre os essênios em sua magnífica obra da História Naturalis diz:

A oeste do Mar Morto, os essênios puseram a necessária distância entre si mesmos e a praia insalubre. Constituem um povo único no gênero e admirável acima de todos os outros no mundo inteiro, sem mulheres e renunciando completamente o relacionamento amoroso, sem dinheiro, e tendo palmeiras por companhia.<sup>10</sup>

## 2.1 DESCOBERTA

Era primavera. Com toda certeza seria uma das primaveras mais floridas de toda a história do cristianismo desde sua origem.

Por umas dessas peças que o destino nos prega e, que via de regra, sempre nos surpreende - uma simples cabra perdida – proporcionaria não somente à arqueologia bíblica, mas de igual forma à teologia, um compêndio de “Manuscritos Perdidos”, que influenciariam a interpretação do cânon vetero e neotestamentário cristão e de como se pensava a fé cristã, no primeiro século cristão.

---

<sup>9</sup> Idem., p. 32.

<sup>10</sup> GINSBURG, D. Christian. *Os Essênios - sua história e doutrinas*. São Paulo: Editora Pensamento, 1995. p. 22.

Pastoreava pelas bandas do deserto da Judéia, próximo ao litoral do Mar Morto, o jovem Muhammad Edh-Dhib,<sup>11</sup> de apenas quinze anos de idade. O mesmo não poderia imaginar que sua descoberta pudesse mudar o rumo da interpretação bíblica tomada com o passar dos tempos. Estes Manuscritos tão similares forneceriam à comunidade científica a oportunidade de reinterpretar a história do cristianismo.

A descoberta em Qumran fornece-nos um total de onze grutas, onde foram encontrados manuscritos bíblicos e não bíblicos. O professor Hershel Shanks, fundador e editor da *Biblical Archaeology Review* assim diz:

(...) Os Manuscritos do Mar Morto proporcionam aos estudiosos o acesso a uma biblioteca de mais de oitocentos volumes, que lança uma luz direta – sem as distorções de compiladores posteriores, com suas próprias ideologias partidarismos – sobre o judaísmo vigente antes de 70.<sup>12</sup>

Na colaboração de suas perspectivas ao estudo de Qumran, conforme H. Shanks:

(...) Centenas de outros manuscritos foram encontrados nesse grupo de cavernas, subseqüentemente numeradas de 1 a 11. Dependendo do que se possa entender por intacto, além dos setes rolos inteiros da caverna 1, entre três e cinco rolos intactos foram recompostos com o tempo.<sup>13</sup>

Interessante notar que dentre manuscritos bíblicos e não bíblicos, estima-se que 20 a 25 por cento dos achados sejam constituídos por textos bíblicos. H. Shanks nos fala que “todos os livros da Bíblia hebraica estão aí representados, com exceção do Livro de Ester”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p. 17. “O nome do jovem beduíno é Muhammad Ahmed el-Hamed, cuja alcunha é “edh-Dhib”, porque se dizia que seu pai era “feroz como um lobo”.

<sup>12</sup> SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto: uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 14.

<sup>13</sup> *Ibidem.*, p. 15.

<sup>14</sup> *Ibidem.*, p. 19.

Para os especialistas, é mais fácil lidar com os textos bíblicos do que com os não bíblicos, mesmo que apenas pequenos fragmentos de um determinado livro se tenha salvado.

H. Shanks afirma que:

(...) Os textos bíblicos são conhecidos por meio de cópias posteriores, que servem como uma espécie de gabarito, onde se podem encaixar os fragmentos de Qumran.<sup>15</sup>

Esse processo permite analisar que muitos dos textos classificados como não bíblicos nos eram totalmente desconhecidos antes de serem descobertos nas cavernas de Qumran, sendo muitas vezes difícil ordenar seus fragmentos de forma a terem sentido. Sobre essas afirmativas H. Shanks reage dizendo:

(...) Os textos não bíblicos são extraordinariamente variados e podem ser subdivididos de várias formas, por exemplo, pelo gênero: hinos e salmos, comentários bíblicos, literatura de sabedoria, textos legais, uma carta, pseudoepígrafa\*<sup>16</sup>, uma indicação para um tesouro escondido. Existe um outro tipo de classificação; se trata dos chamados textos de seita ou não, isto é, se representam os conceitos e idéias daquele grupo religioso particular que reuniu essa biblioteca<sup>17</sup>

Como já foram mencionados anteriormente, os manuscritos de Qumran se estavam divididos em 11 cavernas.

Entre os setes rolos encontrados na Gruta 1 está um manuscrito completo do profeta Isaías, conhecido como O Manuscrito de Isaías do Mosteiro São Marcos. O erudito Geruásio Orrú assim afirma sobre os pergaminhos dessa caverna:

(...) feitos de tiras de couro, costurados de ponta a ponta, e medindo, desenrolado, 7,34m de comprimento por aproximadamente 0,26 m de largura, o rolo está notavelmente bem conservado, embora se mostre gasto pelo uso e chegue a apresentar consertos em alguns lugares. O texto hebraico está escrito em 54 colunas, tem até 32 linhas e termina como o Texto Massorético, com o versículo 24 do capítulo 66. Concluiu-se que esse manuscrito é do ano 100 a.C.,

---

<sup>15</sup> Idem., p. 19.

<sup>16</sup> Ibidem., p. 21. "Textos ao estilo da Bíblia, com frequência atribuídos a um nome ilustre da antiguidade como Enoc e Nóe." (nota do próprio autor).

<sup>17</sup> Idem., p. 21.

sendo, portanto, quase cem mil anos anterior à cópia mais antiga de Isaías conhecida até então.<sup>18</sup>

Arqueólogos com a ajuda de beduínos, em fevereiro de 1952, ao sul da Gruta 1, descobriram a Gruta 2, onde encontram partes de “dezessete manuscritos bíblicos e uma porção maior de partes de manuscritos não bíblicos”.<sup>19</sup>

Essa expedição de arqueólogos da escola francesa e norte-americana, se dedicou arduamente ao trabalho, de “10 a 29 de março do mesmo ano, descobrindo a Gruta 3, no dia 14. Nessa gruta havia vários fragmentos de pergaminhos, bem como restos de vasilhas típicas de Qumran”.<sup>20</sup>

A Gruta 4 localiza-se a mais de três quilômetros a sudoeste de Khirbet Qumran, e está separada dessas ruínas por um profundo barranco que talha ao norte para a encosta de Wadi Qumran. Essa gruta, “foi descoberta por beduínos da tribo Taamireh, no início de setembro de 1952”.<sup>21</sup>

A Gruta 5 localiza-se a pouca distância, ao norte da Gruta 4. Foi descoberta pelos mesmos arqueólogos, também entre 22 e 29 de setembro de 1952. Nessa gruta foram encontrados apenas poucos fragmentos, “quase todos bem manchados à umidade, os quais deviam fazer parte de uns doze manuscritos”.<sup>22</sup>

A Gruta 6, descoberta por beduínos também em setembro do mesmo ano, fica em um lugar rochoso ao norte, ao lado de Wadi Qumran. Nessa, foram encontrados uma jarra, uma tampa e um número elevado de fragmentos. “Entre eles, existem cinco cópias fragmentadas do Documento de Damasco e trechos de pelo menos seis livros bíblicos”.<sup>23</sup>

Em pesquisas realizadas de “2 de fevereiro a 6 de abril de 1955”<sup>24</sup>, os arqueólogos descobriram as Grutas 7, 8, 9, 10. Essas grutas situam-se na encosta ao redor de Khirbet Qumran. As três primeiras ficam a leste das Grutas 4 e 5; a última, a oeste. Quase todas destruídas pela erosão e pelo desmoronamento das orlas do terreno. Seu conteúdo mostrou-se muito precário: “alguns fragmentos de louça e

---

<sup>18</sup>ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 19.

<sup>19</sup> Idem., p. 23.

<sup>20</sup> Idem., p. 23.

<sup>21</sup> Ibidem., p.25.

<sup>22</sup> Idem., p.26.

<sup>23</sup> Idem., p. 26.

<sup>24</sup> Idem., p. 26.

vestígios de artigos de vime e tecido, além de 126 fragmentos inscritos em pergaminho e papiro<sup>25</sup>.

A Gruta 11 foi descoberta em janeiro de 1956, também por beduínos da tribo Taamireh. Localiza-se ao norte, próxima da Gruta 3, a uns dois quilômetros do centro da comunidade.

Conforme afirma Geruásio Orrú:

A Gruta 11 ressaltou-se pelo seu conteúdo: foram encontrados sete manuscritos bem conservados, especialmente um livro dos Salmos. Os manuscritos bíblicos são o livro de Levítico, o livro de Ezequiel e uma tradução aramaica (Targum) do livro de Jó. Além dos manuscritos, foram encontrados restos de tecidos e de cestos, algumas cerâmicas e objetos de ferro. Entre esses objetos, há uma ferramenta parecida com machado ou picareta.<sup>26</sup>

### 2.1.1 Localização

Afirma-se que estes “rolos perdidos” foram localizados ao sul da atual Jericó, primitivamente designada por Khirbet Qumran – do árabe khirbeh, que significa ruína, com proximidades da margem noroeste do Mar Morto, não longe de Ain Feshkha<sup>27</sup>.

Por incrível que pareça, Muhammad Edh-Dhib, cansado devido ao calor do deserto, de tanto procurar uma cabra perdida do rebanho, avista ao longe uma caverna que poderia refrescá-lo do sol. Lá estando, consegue ver mesmo com tanta escuridão um objeto luminoso vindo entre as rochas que chamara sua atenção. Referindo-se a este aspecto, Geruásio F. Orrú afirma:

(...) Uma pequena cavidade, cujo tamanho era semelhante ao de um crânio humano. Tendo a curiosidade despertada por aquele buraco na rocha, colheu uma pedra e a jogou. Ouviu um baque surdo. Jogou outra pedra e, pelo ruído, pareceu-lhe que havia caído em jarros de barro. Aproximou-se daquela cavidade e descobriu estar diante de uma gruta. Depois de um tempo, tendo seus olhos se acostumado com a escuridão, pôde enxergar o fundo da gruta e muitos outros jarros de barro. Sendo supersticioso, de repente imaginou que aquela gruta seria a morada de Sheitan (espírito mau do deserto). Com muito medo, esquecendo-se da cabra perdida, saiu daquele lo-

---

<sup>25</sup> Idem., p. 26.

<sup>26</sup> Idem., p. 26.

<sup>27</sup> LAPERROUSAZ, E. M. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989. p. 9.

cal, voltando para sua tenda. Logo mais, à noite, Muhammad Edh-Dhib contou a descoberta e suas impressões a um amigo, Ahmed Muhammad.<sup>28</sup>

Sendo mais velho que Edh-Dhib, Ahmed Muhammad<sup>29</sup> convence-o a retornar ao lugar de descoberta. Lá, após vasculharem juntos a caverna encontraram oito vasilhas de barro. Conseguiram também identificar embrulhos de panos de linho. Confiantes de que iriam encontrar alguma riqueza – como ouro ou pedras preciosas – rapidamente desembulham os panos, e para sua surpresa haviam achado apenas “simples” pergaminhos antigos. Interessante notar que com o clima seco, devido à região desértica, os tais “manuscritos” por eles encontrados estavam em excelente estado. O Padre. Dom Mateus Ramalho Rocha traduzindo do alemão as palavras de Rost Leonhard (1980, p.161), diz: que os manuscritos “sofreram muito pouco com a umidade e a devastação de isentos e roedores, por volta dos mais de 1900 anos em que estiveram escondidos na caverna”.<sup>30</sup>

### 2.1.2 Habitação da comunidade: O Mosteiro Khirbet Qumran

Como é de se imaginar, toda irmandade, via de regra, possui um lugar específico que venha a comportar os elementos ritualistas da comunidade e suas reuniões. Não fugindo a esta regra, os judeus sectários qumramitas também investiram na construção de uma sede única, que viesse a se tornar referência para as comunidades menores também essênicas.

Membro do Departamento de Antiguidades da Transjordânia em Amman, G. L. Harding e o padre Roland de Vaux, da École Biblique, trabalhando sistematicamente nas áreas de escavações em Qumran, encontraram um conglomerado de construções que para ambos seria o “centro de Qumran”. Para R. de Vaux, as cons-

---

<sup>28</sup> Ibidem., p. 18.

<sup>29</sup> Cf. ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 18. “Muhammad edh-Dhib tinha consigo dois companheiros, ambos seus primos, Klalil Musa e Juma: Muhammad Klalil. Existe outra versão: Nas reportagens antigas Ahmed Muhammad é mencionado como companheiro único de Muhammad edh-Dhib”, afirmação feita por BEN-GAVRIEL E CROSS. Todas estas afirmações são de origem alemã – *Die Schriftrollen vom Toten Meer*. Jerusalém, Hebraischen Universitat, 1958. p. 2.

<sup>30</sup> ROST, Leonhard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudepigráficos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran* São Paulo: Ed. Paulinas, 1980, p. 161.

truções seriam “a sede da antiga comunidade”,<sup>31</sup> em contrapartida para F. F. Bruce estas “construções do período da monarquia hebraica esclareceriam a declaração feita pelo Rei Uzias, de Judá (780-740 a. C.), em 2 Crônicas 26.10: “Também edificou torres no deserto, e cavou muitos poços, porque tinha muito gado, tanto nos vales como nas campinas; tinha lavradores, e vinhateiros, nos montes e nos campos férteis; porque era amigo da agricultura”, visto que para ele as escavações datavam do oitavo século a. C. (sic), no tempo de João Hircano (134-104 a.C.)”.<sup>32</sup>

Todavia, outros elementos das escavações nos prendem a atenção. Segundo afirma Rost Leonhard:

(...) no andar superior do edifício principal do mosteiro, foi encontrado um escritório, com mobiliários, entre eles, mesas e bancos, todos feitos de barro. Anexada a este, descobriu-se uma sala vizinha, com algumas cisternas, acrescida de outro anexo, onde funcionava, provavelmente, um dispensa ou copa, que servia de refeitório e ou para um lugar de refeições.<sup>33</sup>

Outra informação documental importantíssima está de acordo com Jorge B. Stella:

(...) foram encontrados algo em torno de 1.000 túmulos, encontrados na posição de norte para o sul, com os corpos estendidos sobre os ombros e com a cabeça para o sul e com as mãos cruzadas sobre a pélvis ou ao longo do corpo. Este fato intrigou os arqueólogos que após uma bateria de exames antropométricos, viu-se que boa parte dos corpos estudados era do sexo feminino e que todos os corpos voltados com a cabeça para o sul, eram do sexo masculino.<sup>34</sup>

Todas estas afirmações nos dão conta de uma espécie de reverência ao sexo masculino. Outra curiosidade nas descobertas é sobre as medidas do mosteiro de Qumran. Com medidas de 80 metros de extensão, alguns eruditos assemelham Qumran a um quadrilátero, entre eles, Joachim Jeremias.<sup>35</sup> Com larguras de 21,50 metros nas salas, o mosteiro essênio era composto de salas para reuniões, um s-

---

<sup>31</sup> Idem., p. 22.

<sup>32</sup> Idem., p. 22.

<sup>33</sup> Ibidem., p. 165.

<sup>34</sup> STELLA, J. B. *As Descobertas dos Papiros do Mar Morto*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960. p. 25

<sup>35</sup> JEREMNIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004. p. 260.

*criptorium*, onde eram produzidos os rolos em pergaminhos, além de também conter sete cisternas menores, que deveriam ser utilizadas nas celebrações do batismo ou durante outros rituais que envolvessem o elemento água, e seis cisternas maiores, que serviam de caixa d'água.<sup>36</sup>

Todavia, crê-se que o mosteiro esteve habitado entre 100 a.C. até 68 A.D. Contudo não se sabe que motivos concretos levaram à destruição do mosteiro e da comunidade. Provavelmente, no ano de 31 a.C. um terremoto tenha destruído toda estrutura da comunidade de Qumran; durante o período de sua reconstrução, as pessoas que compunham a comunidade habitaram em fendas e grutas. E antes mesmo do término da reconstrução, Vespasiano, em 68. A.D., e a Décima Legião Romana, exterminou a comunidade qumramita no primeiro século.<sup>37</sup>

## 2.2 ESSÊNIOS, QUEM SÃO ELES?

Na verdade, esta pergunta: “essênios, que são eles?” ainda intriga boa parte dos eruditos do campo arqueológico e teológico. De acordo com Christian Ginsburg, os essênios “compunham uma sociedade eremita, onde os judeus cansados da vida, principalmente em Jerusalém, e impelidos de toda má sorte, partiam em direção ao Oeste, para adotarem essa nova maneira de viver”.<sup>38</sup>

Outra hipótese é a de H. E. Dana que afirma: “Este grupo representava a ala direita do farisaísmo”<sup>39</sup>, ou seja, os fariseus que davam maior ênfase à observação minuciosa da Lei. Estes eram tão fanáticos que podem ser comparados aos extremistas xiitas islâmicos, devido à influência da filosofia grega, da escatologia judaico-persa e o misticismo oriental. Ainda conforme H. E. Dana “...eram os essênios tão rígidos no cumprimento de cada exigência mínima da Lei, que chegaram a separar-se em comunidades isoladas, dedicando-se assim a uma forma de vida mais ascética”.<sup>40</sup> Além disso, Ainda tinham preferência pela região desértica bem próxima ao

---

<sup>36</sup> STELLA, J. B. *As Descobertas dos Papiros do Mar Morto*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960, p. 35.

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p. 23.

<sup>38</sup> *Ibidem.*, p. 48.

<sup>39</sup> DANA, H. E. *O Mundo do Novo Testamento: Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. pp. 98-99.

<sup>40</sup> *Idem.*, pp. 98-99.

Mar Morto, onde segundo parece, formaram colônias. Focando nossos esforços nesta seita, podemos perceber que a mesma tinha um ideal de vida sectária – e muito provavelmente monástica - o que a diferenciava das demais seitas judaicas do primeiro século. Conforme ainda revela Rost Leonhard: “desenvolveram também uma rigorosa doutrina da predestinação, numa perspectiva dualista ligada a Deus, o que os diferenciava dos saduceus e fariseus (...) possuíam ainda, um calendário solar e não lunar de 52 semanas, isto é, 364 dias...”<sup>41</sup>.

Não encontramos nos essênios uma seita moldada dentro dos parâmetros da sociedade judaica, mas sim, semelhante às ordens monásticas. A seita não se apresenta definitivamente no cânon do Novo Testamento, embora, existam alguns reflexos de seus costumes nele, como nos ensinamentos de João Batista e do próprio Jesus.

---

<sup>41</sup> Ibidem., p. 165.

### 3. Estrutura Funcional da Confraria

#### 3.1 Autoridade

A regra da comunidade, em hebraico, Serek ha – Yahad, como também o Documento de Damasco, apresentam, em seus compêndios, algumas informações sobre uma espécie de autoridade entre a irmandade qumramita. Eleazer Lipa Sukenik, professor da Universidade de Jerusalém, chega a dizer que o termo serek (em hebraico quer dizer regra) repete-se constantemente nos textos encontrados nos manuscritos citados acima, que revelam a existência de um cargo de alta responsabilidade, denominado de *mebaqquer*.<sup>42</sup> O mesmo deveria ter algumas atribuições como: ser uma pessoa que cuidasse do bem-estar; que desse orientações espirituais aos demais membros da comunidade e realçasse novamente a Regra da Comunidade e o Documento de Damasco, para uma melhor definição do papel do *mebaqquer*:

E não se permite a nenhum homem falar sequer um palavra na Assembléia dos Muitos,<sup>43</sup> sem o consentimento dos Muitos, salvo esse homem for o mebaqquer dos Muitos. (" QS 6.11 – 12). Quando um homem comete alguma infração contra a Lei e é visto pelo seu companheiro, estando sozinho, se é uma questão passível de penalidade, reprovando-o, a testemunha denunciará o culpado ao mebaqquer na sua presença; e o mebaqquer o inscreverá de próprio punho, e aguardará até que o denunciado comete outra infração perante uma pessoa que esteja sozinha e lhe seja apresentada (ao mebaqquer) nova denúncia (DD 9.17 - 19).<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Cf. ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p 38. "O termo mebaqquer tem um sinônimo, "paqid". Este se encontra na Regra da Comunidade (1QS 6.14), enquanto no Documento de Damasco aparece sempre mebaqquer (DD 15.10 etc.). Em ambas existe uma posição das passagens mencionadas, as regras da comunidade a um recém-chegado, tendo como "inspetor" o mebaqquer ou paqid. Portanto, entre os eruditos há plena concordância de que esses dois termos se referem ao mesmo oficial".

<sup>43</sup> Idem., p. 38. "O termo "Muitos", no texto hebraico rabbim, aparece diversas vezes na regra da Comunidade. É um termo técnico empregado para designar os membros da comunidade. Também freqüente no Antigo Testamento, pode ser que, ao usarem o termo rabbim, os essênios tenham feito alguma associação com Daniel 12. 2 – 4, que provavelmente reflete Isaías". (nota do próprio autor).

<sup>44</sup> Idem., p. 38.

### 3.1.1 Administração

A comunidade de Qumran era uma confraria complexa e possuindo uma escala de valores e/ou regras a serem respeitadas e praticadas. Assim, em Qumran, originaram-se dois sistemas administrativos. O primeiro, denominado de Conselho da Comunidade. Formado por homens, provavelmente maiores de vinte anos, de vasta sabedoria, de conduta ilibada, além de terem uma gama de virtudes em seu caráter. Conforme Geruásio Orrú citando em sua tradução integral da Regra da Comunidade:

Estas são pessoas convocadas para o conselho da Comunidade (...) <sup>45</sup> todos os homens sábios da Congregação e os inteligentes e os entendidos, de conduta perfeita e fisicamente capazes, bem como os chefes das tribos e todos os juizes e administradores, e os chefes de mil, e os chefes de cem, os de cinqüenta, e os de dez, e os levitas, cada um com a sua distribuição de serviço. Tais são os homens conceituados, convocados para a Assembléia, escolhidos para o Conselho da Comunidade em Israel, na presença dos sacerdotes filhos de Zadoque (1QSa 1.27-2.3). <sup>46</sup>

Todavia, havia outro órgão administrativo na irmandade essênica, a qual, os integrantes deveriam se reportar. Esse era chamado de Colégio Supremo, de acordo com os estudos de E. Laperrousaz e Dupont-Sommer, ambos citados por Geruásio Orrú. Vejamos o que nos diz a Regra da Comunidade:

No conselho da Comunidade haverá doze homens e três sacerdotes, perfeitos em tudo o que a Lei revela, por praticarem a verdade, a justiça, o direito, a caridade afetuosa e a modéstia de conduta uns para como os outros, por conservarem a fé na terra de modo firme e espírito contrito, e por, expiarem a iniquidade entre os que praticam o direito. E se sujeitam à aflição, e se comportam para com todos os homens segundo a medida da verdade e a norma do tempo. (1QS 8.1-4). <sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p. 37. "As reticências indicam que o texto hebraico tem um espaço em branco. Supõe-se que se omitiu a frase "idade de vinte anos".

<sup>46</sup> *Ibidem.*, p. 6.

<sup>47</sup> *Ibidem.*, p. 16.

### 3.1.2 Ingresso

Conforme a Regra da Comunidade, um candidato à comunidade essênica, deveria, em primeira instância, ser avaliado pelo *mebaqquer*. Alcançando a aprovação, o mesmo era automaticamente aceito na seita, logo, por um período de experiência sem tempo de término, e com duras disciplinas a serem cumpridas.

Chegado o fim deste período de análises, o iniciante era apresentado diante dos “Muitos”<sup>48</sup> que o avaliariam. Obtendo sucesso, ele já poderia se sentir membro da confraria, todavia, ainda teria que enfrentar um período de noviciado de dois anos.

Em seu primeiro ano, havia uma espécie de proibição, que não lhe dava o direito de participar da purificação dos “Muitos”, isto é, uma espécie de rituais diários dos membros da comunidade. Após completar um ano de noviço, novamente era examinado, mas agora não só pelo *mebaqquer*, mas também pelos “Muitos”.

Como não tinha o noviço o direito de se alimentar com os demais, esses se alimentavam separadamente. Todavia, após a conclusão do segundo ano, novamente o candidato voltaria a ser examinado pelos “Muitos”. Adquirindo êxito, seria inscrito regularmente em sua classe junto com seus novos irmãos.

Vejamos o que a Regra da Comunidade, segundo Geruásio Orrú revela sobre a cerimônia de admissão:

Quando se agregar à comunidade, quem quer que se dirija ao Conselho da Comunidade, que entre a Aliança de Deus na presença de todos os voluntários e que se comprometa, por um juramento obrigatório, a se converter à Lei de Moisés, segundo tudo o que Ele prescreveu, com todo o seu coração e com toda a sua alma, comprometendo-se a seguir tudo o que foi revelado por ela aos filhos de Zadoque, os sacerdotes que guardam a Aliança e buscam a sua vontade, assim, como a maioria dos membros da sua Aliança, aqueles que são voluntários em seguir a sua verdade e em caminhar na sua vontade. Comprometa-se pela Aliança a separar-se de todos os homens perversos que andam no caminho da iniquidade (1 QS 5.7-11).<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Cf. ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p. 38. “O termo “Muitos” é um termo técnico empregado na Regra da Comunidade, para designar os membros da comunidade”.

<sup>49</sup> *Ibidem.*, pp. 40-41.

### 3.1.3 Cotidiano

Como já fora dito anteriormente, os essênios foram bem diferentes das outras seitas religiosas do primeiro século cristão. Segundo Edmund Wilson o pacto de adesão da comunidade deveria ser esse: “renunciar ao máximo o prazer, exercitar ao máximo a temperança e autocontrole”<sup>50</sup>. Renunciando a todo o qualquer tipo de riqueza, os essênios compartilhavam, entre si, seus bens para com todos. O novo membro da comunidade ao ser aprovado no exame feito pelo *mebaqger*, deveria entregar seus bens à ordem, recebendo em troca tudo de que viessem a necessitar. Edmund Wilson diz que, “até as roupas são propriedades comuns (...) usam roupas simples e calçados até se reduzirem a farrapos para então providenciar vestes e sapatos novos”<sup>51</sup>. Suas roupas se assemelham a grossas capas para a estação para o inverno e de mantos leves para o verão. Em seu meio havia qualquer tipo de comércio, sendo livre o acesso a qualquer bem de outro irmão.

De acordo com Edmund Wilson, citando Fílon diz que:

Cultivavam a terra ou dedicavam-se às artes pacíficas. São lavradores, pastores, vaqueiros, apicultores, artesãos, artistas. Não fabricam instrumentos de guerra. Não se ocuparão do comércio; nada sabem sobre navegação... Seus hábitos de defecação eram extraordinariamente higiênicos para o Oriente Médio daquela época... Mantinham a pele seca e sempre se vestiam de branco.<sup>52</sup>

### 3.2 SOBRE CASADOS OU CELIBATÁRIOS?

Como já era de se imaginar, em uma organização composta por grande maioria do sexo masculino, alguns deles deveriam ter família constituída. Eruditos antigos como Flávio Josefo e Plínio, o Velho, em suas obras já haviam feito menções a, pelo menos, duas classes existentes dentro do sectarismo essênico: os casados e os celibatários. Todavia, a dúvida sobre essa afirmação ocorre, pois *Khirbit Qumran*, pro-

---

<sup>50</sup> WILSON, Edmund. *Os manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.29.

<sup>51</sup> *Ibidem.*, pp 29-30.

<sup>52</sup> *Idem.*, p. 30.

vavelmente possa ter sido uma referência às demais colônias essênias espalhadas pelas proximidades da Palestina. Talvez a formulação do conceito seja essa: foram monásticos somente os essênios de *Khirbit Qumran* ou todos os demais de outras colônias adjacentes?

Analisando as duas classes em questão, os casados ou adeptos ao celibato, como reivindica Geruásio Orrú: “preservavam o compartilhar de bens”<sup>53</sup> entre si, e também valorizavam com muita veemência a castidade, como se fossem monges. Viam no casamento uma espécie de escravidão. Seguindo essa mesma linha de pensamento, entretanto, sem receios, Joaquim Jeremias, afirma que “era proibido o casamento daqueles que viviam no mosteiro em Qumran”.<sup>54</sup> Contudo, o estudioso que nas entrelinhas definiu o peso histórico sobre a questão em si, foi Flávio Josefo, que, ao ser citado por Geruásio Orrú, afirma que “Há cerca de quatro mil essênios que não se casam...”.<sup>55</sup> Já Edmund Wilson traduz Fílon com muito mais veemência ao afirmar “Desprezam o casamento, porém não condenam o casamento, todavia, desejam proteger-se da lascívia das mulheres, convencidos de que nenhuma delas mantém sua palavra empenhada com um homem”.<sup>56</sup>

Fílon, afirma ainda que os essênios repudiavam ao máximo que podiam o casamento. Assim:

porque o vêem com clareza como o único ou principal perigo para a manutenção da vida comunitária e também porque praticam a continência. Pois nenhum essênio toma esposa porque uma esposa é uma criatura egoísta, ciumenta em excesso e perita em burlar os princípios morais do marido e em seduzi-lo com suas continuadas imposturas. Pois com o falar bajulador que pratica e os outros meios com que desempenha seu papel como uma atriz no palco ela primeiro captura a vista e o ouvido e depois, quando essas vítimas foram ludibriadas, conquista com lisonjas a mente soberana. E se vêem os filhos, cheios do espírito da arrogância e da ousadia no falar, ela expressa com maior atrevimento coisas que antes insinuava veladamente e sob disfarce e, abandonando toda a vergonha, impele o marido a realizar ações hostis à vida de companheirismo. Pois ele, que está preso nas seduções amorosas da esposa ou sofrendo a pressão da natureza, faz dos filhos seu primeiro cuidado, deixa de ser o mesmo com os outros e inconscientemente se tornou um homem diferente e passou da liberdade à escravidão.<sup>57</sup>

---

<sup>53</sup> ORRÚ, F. Geruásio, *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. 1992. p. 44.

<sup>54</sup> JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004. p. 263.

<sup>55</sup> ORRÚ, F. Geruásio, op. cit., p. 16.

<sup>56</sup> ORRÚ, F. Geruásio, op. cit., p. 29.

<sup>57</sup> *Ibidem.*, p. 18.

Dessa forma, em contrapartida também pode se observar o grupo não dado ao celibato que são os casados e/ou os não ascéticos na perspectiva dos prazeres da carne. Interessante é que esse grupo também era bastante conservador no que tange à Lei, todavia, não viam na negação sexual, uma espécie da norma de vida para a comunidade. Conforme a tradução de Geruásio Orrú da Regra Anexa e do Documento de Damasco:

E ele não se aproximará de uma mulher para conhecê-la sexualmente, a não ser que ele tenha vinte anos de idade e que ela conheça o bem e o mal; dessa maneira, ela será admitida para apelar às ordenanças da Lei contra ele e para tomar seu lugar na audiência das ordenanças (1QSa 1.10-11).

E se eles viverem em colônias segundo a terra, e se casarem, e gerarem filhos, andarão em obediência à Lei, segundo a ordenança com referência aos votos, segundo a regra da Lei, segundo o que Ele disse: Entre um homem e sua esposa, entre um pai e seu filho (DD 7.6-9).<sup>58</sup>

Veja-se também o que Flávio Josefo diz na mesma obra sobre o assunto em questão:

Os essênios observam suas esposas por três anos; se chegam à conclusão de que elas têm menstruação normal, possivelmente como prova de fertilidade, então se juntam a elas. Mas se recusam a ter relação sexual com suas esposas quando estão grávidas, como demonstração de que não se casam com o propósito de obter prazer sexual, mas, sim, por amor à posteridade.<sup>59</sup>

Contudo, encerram-se estas indagações sugerindo que o grupo que se dava ao casamento em sua maior parte vivia nas colônias adjacentes a *Khirbit Qumran*, sendo poucos do mosteiro central da comunidade. Neste, em sua grande maioria, viviam os celibatários, que lutavam pelo amor puro das gerações futuras.

---

<sup>58</sup> Ibidem., p. 44.

<sup>59</sup> Idem., p. 44.

#### 4. O MESSIAS VERDADEIRO: O MESTRE DA JUSTIÇA

De grande valor para a história da comunidade essênica é a figura do Mestre da Justiça, uma espécie de sacerdote que comunicava à seita as revelações acerca do sagrado. Líder supremo qumramita, guiava-os como sendo o “Eleito de Deus”.<sup>60</sup> Basicamente seu mandato foi à base de fidelidade à Lei, como também a repulsa dos sacerdotes corruptos de Jerusalém.

O erudito Hershel Shanks revela que a expressão “Mestre da Justiça”, foi um apelido dado ao mesmo em alusão a Oséias 10.12 e Joel 2.23, mediante perspectivas messiânicas.<sup>61</sup> Sobre quem era esse Mestre da Justiça, abordam-se algumas possibilidades. No ano de 1896, nas regiões do Cairo, Egito, descobriu-se em uma sinagoga medieval durante a escavação de uma *genizah* – uma espécie de sala na sinagoga onde se guardam manuscritos abandonados, fragmentos denominados arqueologicamente de zadoquitas, que consistem em partes ou vários documentos que se assemelham as mesmas doutrinas essênicas contidas no Manual de Disciplina. Observou-se que tanto nesse manual quanto nos fragmentos zadoquitas, os sacerdotes sempre são os “filhos de Zadoc”. Todavia, não se sabe o que aconteceu com esse Zadoc, mas todos os estudiosos que já deram atenção a essa questão reiteram que é o mesmo Zadoc que ungiu Salomão – pois, em alusão a I Reis 2.35 faz menção à poligamia de Davi; diz o fragmento zadoquita que Davi esqueceu a Lei, mas Zadoc a redescobriu.

Quanto à identidade do líder qumrâmico pouco se sabe. Pensa-se num sacerdote de Jerusalém, chamado Onias, reconhecido por sua santidade e oposição ao mal, com morte datada em 171 a.C., em Dafne, próximo à Antioquia, no período conhecido como selêucedá. É óbvio considerarmos aqui, que sua morte tenha abalado o mundo judaico, levando a supor, Edmund Wilson, “que a referência do capítulo nove de Daniel, talvez em 165 a.C., que faz menção a um Messias que será “decepado” e [nada terá]”.<sup>62</sup> O que se sugere é que, possivelmente no 136 a.C., o

---

<sup>60</sup> ORRÚ, op. cit., p. 55.

<sup>61</sup> SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto: uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 29.

<sup>62</sup> WILSON, op. cit., p. 57.

mosteiro de Khirbet Qumran tenha sido ocupado pela primeira vez, trinta e cinco anos após a morte do sacerdote.

Ainda discorreremos sobre outras possibilidades da possível identidade do Mestre da Justiça, citando Geruásio F. Orrú , que diz:

Sugere-se que o Mestre da Justiça possa também ter sido José ben Joezer, sacerdote e doutor da Lei, morto por crucificação sob ordem do sumo sacerdote Alcimus, em 162 a.C.; além desse, supõem-se que Judas, o Essênio, que viveu como grande exemplo de piedade no tempo de Aristóbulo I (104-103 a.C.); e ainda, Manaim bem Judá líder zelote sumariamente executado em 66 a.D.<sup>63</sup>

Segundo afirma o erudito Jean Pouilly, sobre o Mestre da Justiça que:

A nomeação de Jônatas para o sumo sacerdócio, feita por Alexandre Balas em 152 (cf. 1 Mc 10, 15-21), deve ter sido considerada pelos judeus mais religiosos como ilegal. Ainda que nos atenhamos às informações de Flávio Josefo, segundo o qual a cidade vivera sete anos sem sumo sacerdote (AJ XX, 237) provavelmente o membro mais antigo do alto clero exerceu essa função durante esse lapso de tempo, sem ter oficialmente o título. Esse antigo sumo sacerdote, saído da linhagem sacerdotal dos oníadas e descendente de Sadoc, foi, pois, obrigado a ceder o poder religioso a Jônatas e deve ter-se reunido ao grupo conservador dos essênios, tomando entre eles o título de Mestre da Justiça.<sup>64</sup>

A conduta de Jônatas levando a pensar que este seja o “Sacerdote Ímpio”. O peshet de Habacuc diz da seguinte maneira:

**1QpHab VIII 3b** Seguramente a riqueza trairá o homem pretensioso; e não <sup>4</sup>subsistirá aquele que alarga sua garganta como o Xeol e (que) é insaciável como a morte.

<sup>5</sup>E se reuniram junto a ele todas as nações, e se juntaram a ele todos os povos.

<sup>6</sup>Não proferirão sátiras contra ele ou proporão enigmas a seu respeito?

<sup>7</sup>E dirão: “Ai de quem se enriquece com o que não lhe (pertence)! Até quando acumulará sobre si <sup>8</sup>penhores?” A explicação disso

---

<sup>63</sup> ORRÚ, op. cit., p. 51.

<sup>64</sup> POUILLY, Jean. Qumrã / textos escolhidos [por] Jean Pouilly. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. pp. 22-23.

concerne ao Sacerdote Ímpio que <sup>9</sup>se denominou com o nome de verdade, no começo de sua elevação.

Mas quando exerceu o poder <sup>10</sup>sobre Israel, seu coração se exaltou e abandonou a Deus e, traíndo os preceitos por amor <sup>11</sup>da riqueza, extorquiu e ajuntou a riqueza dos homens de violência que se haviam revoltado contra Deus.

<sup>12</sup>E tomou a riqueza dos povos, acumulando sobre si a pior iniquidade, e praticou conduta <sup>13</sup>a[bo]minável em toda sujeira de impureza.<sup>65</sup>

Esse comentário é, pois, censura severa contra o Sacerdote Ímpio, acusado de conduta escandalosa e de paixão desmedida pelas riquezas.

A oposição entre Jônatas e o Mestre da Justiça se prolongou muito além da evidência desse último de sua função de sumo sacerdote.

Na tradução que faz do peshet de Habacuc, Jean Pouilly afirma que:

também faz eco da intervenção armada do Sacerdote Ímpio contra o mestre e seus discípulos em Qumran, por ocasião de uma festa das Expições, celebrada em conformidade com o calendário da seita, quando esses últimos estavam na impossibilidade de se defenderem. Denuncia também outras más ações, das quais foram vítimas os "Pobres", isto é, os judeus que aderiam às doutrinas essênias.<sup>66</sup>

Qualquer que venha a ser a identidade do "Mestre da Justiça", a única premissa verdadeira que esta pesquisa pode validar é que ele foi perseguido, julgado e morto e esperado pela esperança escatológica essênica como o "Messias de Arão".

Há possibilidade de se analisar aqui também a afirmação documental sobre o profeta da inverdade, homem de inverdade ou sacerdote iníquo.

Sabe-se também que a investigação e análise de tais pergaminhos encontrados nas cavernas de Khirbet Qumran, principalmente o comentário (Peshet) de Habacuc, revelam a existência de uma oposição sacerdotal ao Mestre da Justiça, isto é, a existência de um Mestre Iníquo, Profeta da Inverdade ou Homem da Inverdade, designado assim por ter de forma irregular transgredido a Lei e ao mesmo tempo corrompido o sacerdócio do Templo de Jerusalém. Lembramos dos fatos li-

---

<sup>65</sup> Ibidem., p. 2.

<sup>66</sup> Ibidem., p. 23.

gados ao assassinato do sacerdote Onias. Pelas atrocidades históricas investigadas, pensa-se que tal sacerdote Iníquo seja o sumo sacerdote Menelau, sobre o qual II Macabeus nos diz que “chegou a Jerusalém nada trazendo digno do sumo sacerdócio, mas tendo a paixão de um tirano cruel e a fúria de uma besta selvagem”. Além de ser descrito como “um monstro de capacidade”.<sup>67</sup>

Ainda sobre o Profeta da Inverdade, Edmund Wilson citando A. Dupont-Sommer,<sup>68</sup> revela que existem outras possibilidades sobre a virtual identidade do mesmo, apoiado no historiador judeu Flávio Josefo. Trata-se de Aristóbulo II, membro da dinastia asmoniana, sumo sacerdote e rei de Jerusalém, que governou o estado judeu durante três anos e meio (entre 67-63); foi capturado em 63 e encarcerado por Pompeu em Roma; fugiu e retornou à Palestina, mas de novo foi preso e posto a ferros, de modo que deve ter sido forçado a participar do triunfo de Pompeu, com alma amarga e por fim, em 49 a.C., foi envenenado no cárcere por sequazes de Pompeu”.<sup>69</sup>

Contudo o certo é ponderarmos que o Mestre da Justiça foi perseguido, exilado e conduzido ao martírio por esse Sacerdote Iníquo.

---

<sup>67</sup> ORRÚ, op. cit., p. 57.

<sup>68</sup> WILSON, op. cit., p. 56.

<sup>69</sup> Idem., p. 56.

## 5. A HIPÓTESE DE GRONINGEN POR FLORENTINO GARCÍA MARTÍNEZ

Antes de falarmos da hipótese em epígrafe, gostaríamos de fazer uma análise do professor Airton José da Silva, erudito de Antigo Testamento, e de Bíblia Hebraica na Faculdade de Teologia Dom Miele do CEARP - Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, em São Paulo, com sua formação na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, onde obteve o título de mestre em Teologia Bíblica, revela que em português a literatura que tange aos Manuscritos do Mar Morto, está defasada em cerca de 10 anos.

Em seu argumento, Airton José da Silva diz:

Nossas editoras simplesmente pararam no tempo. Não traduziram nenhuma das grandes obras que saíram no final do século XX, quando eram comemorados os 50 anos da descoberta dos Manuscritos. Agora, já são 60 anos desde a descoberta e vejo um grande vazio bibliográfico em português nos últimos dez anos.<sup>70</sup>

Entretanto, devido a esta possibilidade de uma nova postura na busca por uma redefinição e também devido ao atraso no acesso ao desenvolvimento de estudos modernos sobre os Manuscritos do Mar Morto, que nesta seção passará a se destacar a hipótese apresentada pelo erudito da área de pesquisa sobre os Manuscritos do Mar Morto, professor Florentino García Martínez, da Qumran Institut da Universidade de Groningen, na Holanda.

Esta pesquisa trabalhou sempre com a hipótese afirmando que o movimento de Qumran era precisamente um movimento oriundo do grupo essênio. Todavia, em seus ensaios o professor Florentino García Martínez, afirma que é impossível associarmos a comunidade essênia à comunidade Qumramita. Como realça esse pesquisador:

---

<sup>70</sup> Para melhor compreensão desta nota, sugere-se a análise do site do professor Airton José da Silva, em <http://www.airtonjo.com/>, além de, <http://www.airtonjo.com/blog/labels/manuscritos>, feita em 03/04/2008.

(...) o movimento essênio como um movimento de grande envergadura e de tipo nacional, cujos membros não vivem separados do resto do judaísmo mas se acham disseminados por todas as cidades do país. Reduzir o essenismo ao fenômeno marginal que é Qumran supõe deixar sem explicação o essenismo não qumrânico, um fenômeno mais amplo e mais importante que o fenômeno de Qumran.<sup>71</sup>

Faremos uma inferência.

Como se explica então a origem dos Manuscritos do Mar Morto? Possivelmente estes escritos são oriundos de uma cisão dentro da própria comunidade primitiva essênia que o fundador da comunidade qumrânica, o Mestre da Justiça, com seu suposto oponente, o Mestre Iníquo, tenham disputado entre si a liderança da comunidade, e que a origem da irmandade de Qumran tenha sido porque apenas uma minoria tomará partido pelo Mestre da Justiça.

Segundo as objeções oferecidas pelo professor Florentino Gárcia Martínez, por maiores que sejam as evidências de que as disposições internas, como por exemplo, a designação: yahad (comunidade), e as expressões; “filhos de Sadoc”, “filhos da luz” encontradas no Manuscritos do Mar Morto, não nos levam a uma suposta afirmação que pertenceram a grupo sectário proposto em nossa análise. Logo, o caminho a ser percorrido em busca de uma resposta é analisarmos comparativamente todos os dados. Nela, as fontes originais do grupo primitivo a ser desvendado passarão por uma acareação por outras fontes sobre os grupos existentes dentro do judaísmo da mesma época com o perfil do grupo que se pode extrair dos manuscritos. Isto para que possamos alcançar uma possível confirmação verossímil.

Conforme contundentemente afirma Florentino Gárcia Martínez:

Reduzir o essenismo ao fenômeno marginal que é Qumran supõe deixar sem explicação o essenismo não qumrânico, um fenômeno mais amplo e mais importante que o fenômeno de Qumran.<sup>72</sup>

Assim sendo, estamos diante de um dilema. Quem de fato eram os Essênios? De acordo com Martínez os Manuscritos do Mar Morto são oriundos de uma cisão. A idéia é que em algum momento anterior, o líder da comunidade, o Mestre da Justiça,

---

<sup>71</sup> GÁRCIA, Florentino Martínez. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 38.

<sup>72</sup> Idem., p. 39.

e seu arquiinimigo, o Sacerdote Ímpio, houvessem sido membros de uma única comunidade que por uma disputa entre ambos apenas uma pequena parcela tenha ficado a favor do Mestre da Justiça. Assim, pensa Florentino G3rcia Martinez:

(...) a rela3o existente entre o movimento ess4nio e a comunidade qumr3nica 4 aceitar que o grupo de Qumran se origina precisamente mediante uma ruptura ocasionada dentro desse movimento ess4nio do qual seus membros fundadores formavam parte.<sup>73</sup>

4 este argumento que sustenta a Hip3tese de Groningen. Ainda existem outros que a corroboram. Assim fica n3tido ao analisarmos que falar de essenismo n3o 4 o sin3nimo da comunidade de Qumran. De tudo que percebemos ao analisar as composi3es liter3rias da genizah: Qumran era como afirma Florentino G3rcia Martinez.

(...) um fen3meno palestinese que tem suas ra3zes ideol3gicas no interior da tradi3o apocal3ptica, que floresceu na Palestina no final do s3culo III e durante o s3culo II a.C., e que continuar3 seu pr3prio desenvolvimento at4 a 4poca da revolta contra Roma.<sup>74</sup>

Afirmando que 4 imposs3vel colocar a hist3ria destes ‘‘exilados do deserto’’ em rela3o com a hist3ria da Palestina do s3culo I a.C. e do s3culo I d.C. Enfim, o grupo de Qumran dar3 maior veem4ncia aos estudos da Lei, em como observ3-la e interpret3-la. Agora, a ora3o substituir3 os sacrif3cios do templo, as exig4ncias de pureza se acentu3o at4 adquirir um n3vel que permite a comunh3o com o mundo ang4lico, a vida inteira da comunidade se caracteriza pela espera fervente do triunfo do bem.

---

<sup>73</sup> Idem., p. 39.

<sup>74</sup> Idem., p. 39.

## 6. CONCLUSÃO

Este trabalho tem por finalidade explorar a descoberta da comunidade essênica em 1947, cujos documentos são conhecidos como Manuscritos de Qumran, que trazem uma melhor compreensão dos enigmas que os elementos constitutivos desta comunidade em si. Judeus cansados das corrupções sacerdotais do Templo em Jerusalém e da vida que girava em torno de Jerusalém migram para a região desértica da Judéia, bem próxima ao Mar Morto. Lá iniciam uma vida monástica, com a renúncia aos prazeres da carne.

Sobre os mistérios que envolvem a descoberta da comunidade, sabemos que era primavera. Pastoreava pelas bandas do deserto da Judéia, próximo ao litoral do Mar Morto, o jovem Muhammad edh-Dhib, de apenas quinze anos de idade. O mesmo não poderia imaginar que sua descoberta pudesse mudar o rumo da interpretação bíblica por nós tomada com o passar dos tempos.

Estes Manuscritos tão similares forneceria aos acadêmicos a oportunidade de reinterpretar a história do cristianismo.

Quanto à localização a afirmação de que estes “rolos perdidos” foram localizados ao sul da atual Jericó, primitivamente designada por Khirbet Qumran – do árabe khirbeh, que significa ruína, com proximidades da margem noroeste do Mar Morto, não longe de Ain Feshkha.

A Habitação da comunidade, por muitos é considerada como um Mosteiro, o Khirbet Qumran. Como já era de se imaginar, toda irmandade, via de regra, possui um lugar específico que venha a comportar os elementos ritualistas da comunidade e suas reuniões.

Membro do Departamento de Antiguidades da Transjordânia em Amman, G. L. Harding e o padre Roland de Vaux, da École Biblique, trabalhando sistematicamente nas áreas de escavações em Qumran, encontraram um conglomerado de construções que para ambos seria o “centro de Qumran”. Provavelmente, no ano de 31 a.C. um terremoto tenha destruído toda estrutura da comunidade de Qumran.

Não encontramos nos essênios uma seita moldada dentro dos parâmetros da sociedade judaica, mas sim, semelhante às ordens monásticas.

A seita não se apresenta definitivamente no cânon do Novo Testamento, embora, existam alguns reflexos de seus costumes nele, como nos ensinamentos de João Batista e do próprio Jesus.

Conforme a Regra da Comunidade, um candidato à comunidade essênia, deveria, em primeira instância ser avaliado pelo *mebaqqer*, uma espécie de líder máximo da comunidade.

Dessa forma, em contrapartida, também pode se observar o grupo não dado ao celibato, os casados e/ou os não ascéticos na perspectiva dos prazeres da carne.

Quanto à identidade do líder qumrâmico pouco se sabe. Sabe-se também que a investigação e análise de tais pergaminhos encontrados nas cavernas de Khirbet Qumran, principalmente o Comentário (Peshar) de Habacuque, revelam a existência de uma oposição sacerdotal ao Mestre da Justiça, isto é, a existência de um Mestre Iníquo, Profeta da Inverdade ou Homem da Inverdade.

Enfim, ressaltasse a pouca valorização dada a essas excelentes descobertas, onde não se traduziu nenhuma das grandes obras que saíram no final do século XX, quando eram comemorados os 50 anos da descoberta dos Manuscritos.

Entretanto, devido a esta possibilidade de uma nova postura na busca por uma redefinição e também devido ao atraso no acesso ao desenvolvimento de estudos modernos sobre os Manuscritos do Mar Morto, Essênios e Qumran, procuramos dar ênfase a hipótese apresentada pelo erudito da área de pesquisa sobre os Manuscritos do Mar, professor Florentino García Martínez, da Qumran Institut da Universidade de Groningen, na Holanda.

A pergunta dos estudiosos modernos é: Como se explica então a origem dos Manuscritos do Mar Morto?

Possivelmente estes escritos são oriundos de uma cisão dentro da própria comunidade primitiva essênia.

A descoberta dos Manuscritos de Qumran em 1947 desperta o interesse dos eruditos mediante o fato de tratar-se de documentos bíblicos, encontrados na própria Palestina, e de uma datação mais ou menos em torno de dois mil anos. Na segunda metade do século II a.C., tendo perdido as esperanças de reconquistar sua antiga autoridade na teocracia de Jerusalém e sofrendo perseguição ativa da nova casa de sacerdotes no poder, refugiaram-se no deserto. Em outra análise, abordam-se as questões constitutivas da comunidade, seu caráter administrativo, social e religioso.

Essa pesquisa procurou desvendar a perspectiva do último profeta de Qumran, que seria o suposto precursor do Messias, sua identidade, função e seu eventual martírio.

Nesta proposição tentou-se esclarecer a origem exata da comunidade de Qumran sustentada pela Hipótese de Groningen.

Encerramos citando J. B. Stella que, com muita propriedade, assim se expressou: “Nada há pois há temer com a descoberta dos rolos do Mar Morto”.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> STELLA, op. cit., p. 63.

## ANEXOS I - ERAM ELES EBIONITAS?

No começo de 1951 pareceu na Inglaterra uma nova teoria. Em fevereiro J. H. Teicher publicou um artigo sobre os rolos do Mar Morto. Poucos meses depois surgiu uma série de trabalhos do mesmo autor. Propunha e defendia a opinião de que a seita, à qual pertenciam os manuscritos, não era de modo algum judia, mas sim a primeira seita cristã conhecida com o nome de ebionita. Entre outros argumentos ele se valia do sinal da cruz que apareceu no Comentário de Habacuc e no rolo de Isaías. Teicher a interpreta como a letra grega X e pensa que ela está no lugar de Christos e que se usou para assinalar as passagens cristológicas. Este é um corolário para a sua teoria de que os membros da seita de Qumran eram judeus cristãos. Segundo Teicher o mestre de virtude, o equivalente ao Mestre da Justiça, era Jesus, venerado como verdadeiro profeta da seita judeu-cristã dos ebionitas. Este nome deriva de uma palavra hebraica que significa "pobre". Tal palavra aparece também no comentário e Teicher a considera como referências aos ebionitas. Supõe-se que o pregador de Mentira seja S. Paulo, a quem os ebionitas consideravam um falso profeta e traidor do Evangelho.

Essa teoria de Teicher não tem muita aceitação.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> STELLA. J.B. *As descobertas dos Papiros do Mar Morto*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960. p. 51. Todas estas páginas têm seu texto na íntegra de composição feita por Jorge Bertolaso Stella.

## ANEXO II – REGRAS DA COMUNIDADE

### Regras da Comunidade

De extrema importância são os livros que trazem as normas de constituição e atividades da comunidade de Qumran<sup>77</sup>.

A **Regra da Comunidade** ou **Manual de Disciplina**, em hebraico, Serek ha-yahad (1QS), é o principal livro da comunidade de Qumran. É o manuscrito que contém as normas que governam a comunidade. Provavelmente seu autor é o próprio fundador da comunidade, conhecido nos textos como o Mestre da Justiça. Sua composição pode ser situada entre 150 e 125 a.C., enquanto que o manuscrito completo é dos anos 100-75 a.C.

Além da cópia completa encontrada em 1Q, fragmentos de outras 11 cópias estão entre os textos de 4Q e 5Q.

A Regra pode ser dividida em três seções: A primeira abrange as normas para o ingresso na Comunidade (I-IV), a segunda os estatutos referentes ao Conselho da Comunidade (V-IX), e por último, as diretrizes para o Mestre e o Hino do Mestre (IX-XI).

A **Regra da Congregação**, em hebraico, Serek ha'edat (1QSa), e a **Coleção de Bênçãos** (1QSB) são dois anexos à Regra da Comunidade. A primeira é da metade do séc. I a.C. e a segunda pode ser datada por volta de 100 a.C. A Regra da Congregação é um escrito de tipo escatológico que descreve a vida e o banquete da comunidade no fim dos tempos. A Coleção de Bênçãos é uma antologia de fórmulas para abençoar os membros da comunidade.

### Cânticos de Louvor

Os **Cânticos de Louvor**, em hebraico, Hôdayôt (1QH), são cânticos de ação de graças ou hinos de louvor, parecidos com o "Magnificat" e o "Benedictus" de Lucas. Inspiram-se principalmente nos Salmos e em Isaías. Devem ter sido compostos

---

<sup>77</sup> Todo o texto do Anexo 2 da autoria na íntegra do professor Airton José da Silva, disponível em <<http://www.airtonjo.com/essenios03.htm> 16/04/2008>. Acesso em 16 abril de 2008.

entre 150 e 125 a.C., e, pelo menos em parte, pelo Mestre da Justiça. O manuscrito de 1Q provém dos anos 1 a 50 d.C. Em 4Q são encontrados fragmentos de mais 6 cópias.



A **Regra da Guerra**, em hebraico, Serek hamilhamah, também conhecida como "A guerra dos filhos da luz contra os filhos das trevas", compreende uma espécie de compêndio da ciência bélica e das celebrações culturais que deveriam ser observadas por ocasião de uma guerra com vistas à luta final que precederia a era da salvação. Os filhos da luz contam com a ajuda dos anjos Miguel, Rafael e Sariel, enquanto que os filhos das trevas contam com Belial. A vitória, é claro, é dos filhos da luz. O original é composto entre os anos 50 a.C. e 25 d.C., enquanto que o manuscrito encontrado em 1Q é do séc. I d.C. Em 4Q são encontrados fragmentos de mais cinco cópias deste livro.

### **Documento de Damasco**

O **Documento de Damasco** (CD) é uma obra conhecida desde 1896-97, quando dois manuscritos são encontrados num depósito de rolos velhos (genizá) de uma antiga sinagoga do Cairo. Um dos manuscritos é do século X d.C. e o outro do séc. XII d.C. Publicados em 1910, continuam, então, um enigma: não se sabe a que grupo judeu o texto se refere e que certamente compôs a obra. Os estudiosos sugerem os saduceus, os fariseus, os ebionitas, os caraitas e apenas um diz que é dos essênios!

Agora, acontece que fragmentos de nove cópias do Documento de Damasco são encontrados nas grutas de Qumran (7 fragmentos em 4Q, 1 em 5Q, 1 em 6Q): sem dúvida é uma obra criada na comunidade essênica.

Muitos especialistas defendem que "Damasco" deve ser entendido em sentido literal e que representaria uma primeira fase da comunidade, anterior ao seu estabelecimento em Qumran. Outros pensam que "Damasco" seja apenas um modo velado de se falar de Qumran, a partir de Am 5,26-27. E o Documento pode ser também a

regra de outra ala da organização, que viveria fora de Qumran. Mas discutirei isso mais para a frente.

A obra compõe-se de uma exortação e de uma lista de estatutos. Na exortação o pregador (talvez uma autoridade da comunidade) tem por objetivo encorajar os sectários a permanecer fiéis e, com este fim em vista, ele se empenha em demonstrar, por meio da história de Israel e da comunidade, que a fidelidade é sempre recompensada e a apostasia castigada.

Os estatutos reinterpretem as leis bíblicas relativas a votos e juramentos, tribunais, purificação, sábado, pureza ritual etc. Trazem também os estatutos da comunidade. O Documento de Damasco deve ter sido escrito por volta de 100 a.C.

### **Rolo do Templo**

O **Rolo do Templo**, encontrado na gruta 11, (11QT), só aparece em junho de 1967, durante a "Guerra dos Seis Dias", quando o Estado de Israel o retira das mãos de um antiquário da parte árabe de Jerusalém, a quem os ta'amireh o vendera.

É o maior dos manuscritos de Qumran, com mais de oito metros e meio de comprimento e 66 colunas. Trata do Templo e do culto, e embora se trate de uma reinterpretação da legislação bíblica do Êxodo, Levítico e Deuteronômio, o autor apresenta sua mensagem como fruto de revelação divina direta. O Rolo do Templo é do séc. II a.C. São encontrados fragmentos deste livro nas grutas 4Q e 11Q.

## BIBLIOGRAFIA

- AIRTON, José da Silva. *Manuscritos do Mar Morto: recursos para estudo*. Net, Rio de Janeiro, abril. 2007. Seção Manuscritos do Mar Morto: recursos para estudo. Disponível em: <http://www.airtonjo.com/blog/labels/manuscritos>. Acesso em: 03 abril de 2008.
- 
- \_\_\_\_\_. *Ayrton's Biblical Page*. Net, Rio de Janeiro, 1999. Seção Home page. Disponível em: <http://www.airtonjo.com>. Acesso em: 03 abril de 2008.
- ALEGRO, M. J. *Os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. de Maria Luisa Ferreira da Costa. Portugal: Europa-América, 1979.
- BAIGENT, Michael & LEIGH, Richard. *As intrigas e, torno dos Manuscritos do Mar Morto*. Trad. Laura Rumchinsky. – Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BÍBLIA. PORTUGUÊS. *BÍBLIA DE JERUSALÉM. Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus; 3<sup>o</sup> impressão, 2004.
- DANA, H. E. *O Mundo do Novo Testamento: Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento*. 2 ed. Trad. de Jabes Tôres. Rio de Janeiro, JUERP, 1977.
- DUPONT-SOMMER, A. *The Essene Writings from Qumran*. Trad. Geza Vermes Cleveland: The World Publishing Company, 1962.
- EISENMAN, Robert & WISE Michael. *As descobertas do Manuscritos do Mar Morto: primeira tradução e interpretação completa de cinquenta documentos – chaves guardados há mais de 35 anos*. Trad. Sieni Maria Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*, revista e aumentada. 33<sup>a</sup> impressão, 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCÍA, Florentino Martínez. *Textos de Qumran. Edição fiel e completa dos Documentos do Mar Morto*. Trad. Valmor da Silva, Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- 
- \_\_\_\_\_. *Os homens de Qumran. Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Trad. Luis Fernando Gonçalves Pereira. Petrópolis: Vozes. 1996.
- GINSBURG, D. Christian. *Os Essênios - sua história e doutrinas*. Trad. Auripebo Berrance Simões. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.
- GOLB, Norman. *Quem escreveu os Manuscritos do Mar Morto? A busca do Segredo de Qumran*. Trad. Sônia de Sousa Moreira. – Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus, de J. Jeremias: pesquisa De história econômico-social no período neotestamentário*. Trad. M. Cecília de M. Duprat; revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1983.
- 
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João Rezende Costa; revisão Nélio Schneider. 2 ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- 
- \_\_\_\_\_. *A mensagem central do Novo Testamento*. Trad. João R. Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. de Isabel Fontes Leal Ferreira e João Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 1982.
- LAPERROUSAZ, M. E. *Os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. do francês por Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

- MOULE. C. F. D. *As origens do Novo Testamento* Trad. Josué Xavier. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- ORRÚ, F. Geruásio. *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993.
- POUILLY, Jean. *Qumrã. Textos escolhidos [por] Jean Pouilly*. Trad. Benôni Lemos; revisão de Edson Gracindo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- ROST, Leonhard, 1896. *Introdução aos Livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Trad. Balancin; revisão literária de Luiz Antonio Miranda. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980.
- SCHUBERT, Kurt. *Os Partidos religiosos Hebraicos da Época Neotestamentária*. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- SHANKS, Hershel. *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto: uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- STELLA, Jorge. Bertolaso. *As Descobertas dos Papiros do Mar Morto*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960.
- TREVER, J. C. *The Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.
- VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. de Júlia Bárany Bartolomei, Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.
- WILSON, Edmund, 1895-1972. *Os manuscritos do mar Morto, 1947-1969*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.